

**PESQUISAR A AFLAG: redescobrimo as mulheres da literatura goiana.**

Débora de Faria Maia
Graduanda em História
UFG

Arthur Coelho
Graduando em História
UFG

RESUMO

Este trabalho pretende analisar as mulheres na AFLAG- Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás – fundada em 09 de Novembro de 1969 – composta por mulheres escritoras goianas, artistas plásticas e teatrólogas. Tal Acadêmica tem como objetivo desde sua fundação a busca pelo incentivo e ênfase na produção cultural de mulheres de Goiás. A análise fornece uma ampla documentação sobre as produções gerenciadas pela AFLAG, pertencente às suas acadêmicas e associadas durante todos os 45 anos de sua fundação. A necessidade de expandir a memória local das mulheres como produtoras de conhecimento, artes e literatura é parte da problemática dos estudos de gênero que aqui no Centro-Oeste, pretende garantir a expansão das possibilidades de pesquisas acadêmicas tanto das trajetórias de vida quanto da produção empreendida pelas membros da AFLAG. Neste sentido, este trabalho buscará analisar mais adensadamente a fundadora Maria do Rosário Fleury, que pertenceu à União Brasileira de Escritores de Goiás e ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, sendo uma das três fundadoras e a primeira Presidente, personalidade eminente em enciclopédias, antologias e dicionários no Brasil, mas, esquecida dos livros de História goianos.

Palavras-chave: Relações de Gênero; Mulheres; Memória; Literatura; Artes.

EMANCIPAÇÃO DO CONHECIMENTO FEMININO

No universo das profissões públicas, da produção intelectual, predominou-se o sexo masculino. As mulheres promoveram sua emancipação na escrita por meio da literatura e dos pequenos projetos de militância progressiva no campo intelectual, na pretensão de exaltar o pensamento histórico pela produção e atuação feminina, através de obras, crônicas, poesias e lírica reunidas em instituições fundadas durante o século XX como, por exemplo, a AFLAG- Academia Feminina de Letras e artes de Goiás ou Academia de Letras Goiana, fundadas unicamente por mulheres.

O estudo da produção literária feminina no século XIX no Brasil valeu-se pela pesquisa e revelação de uma atividade que se enquadra na lírica, isto é, da poesia, do romance e da crônica jornalística feminina, estas utilizadas como fontes, Segundo Elliane Vasconcelos “A aura de escritor



não só atraia a mulher como lhe abria a possibilidade de exibir seu talento fora das lides puramente domésticas”¹. A historiadora evidencia que tais escritoras somente serão mencionadas em críticas e dicionários literários recentemente, e a partir da análise deste fato podemos compreender o quanto a produção intelectual feminina se manifesta ativa, mas negligenciada. Um dos exemplos citados pela autora será Eurídice Natal e Silva, fundadora da Academia de Letras presente na cidade de Goiás em 1904², já no início do século XX, ou seja, revelando uma liderança feminina como tal, trazendo a imagem da mulher goiana como pioneira da formação do conhecimento feminino em detrimento das demais partes do Brasil, além do reconhecimento a até então Cidade de Goiás.

Na década de 80 houve um processo de resgate da produção literária feminina devido ao revisionismo histórico que, Segundo Chartier³, a valorização do empirismo histórico para representação e construção de sentido na formação historiográfica constrói o campo da História Cultural, na qual muitas destas obras, até então esquecidas, tornam-se fontes para estudo, junto à importância que a categoria “gênero” contribui para história. Quem trabalha com memória e relatos sociais, por exemplo, sabe que as mulheres são as principais depoentes, tratando-se de um dado demográfico e cultural, ao mesmo tempo em que sabemos que muitas destas obras podem ser encontradas porque foram guardadas por filhas, netas, familiares, e desde então, tal conceito é atribuído à psicanálise, antropologia e literatura estabelecendo a interdisciplinaridade entre ambas estas áreas relacionadas ao feminino na história⁴.

“Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de

¹ Artigo publicado pela Revista UFG, “Percursoras da Literatura Goiana”. Julho/2010.

²Inclusive, o autor Gilberto Mendonça Teles fala da importância desta academia que desapareceu em 1908 juntamente com todas as perspectivas de Eurídice em publicar seus contos.

³ O Mundo como vontade e representação. Estudos avançados/1991.

⁴PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea.



manipulação da memória coletiva”⁵. (LE GOFF. P, 368). A memória coletiva representada pela produção do conhecimento reflete um ambiente masculino, no qual a posição social era representada pelo sexo, concebendo o que Joan Scott atribuiu como “relações de poder”⁶, restringindo à mulher ao ambiente privado alheio às concepções políticas do âmbito público, ou na atuação da abrangência dos aspectos femininos na sociedade. São palavras de ordem, instituições legais como o Casamento ou a Família, que nestas instâncias reprimem a voz que agora lhe fazem ouvir, as mulheres. Novos saberes, novas técnicas, comportamentos e formas postas em ação que tornaram evidente uma diversidade cultural que não parecia existir entre os pontos de vista e as expressões femininas que agora atuam pelo direito de falar por si e falar de si em suas obras, “A diferença é produzida através de processos discursivos e culturais. A diferença é ensinada”⁷.

A Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG)⁸ tornou-se um, dentre tantas formas encontradas por grupos de mulheres, intelectuais de seu tempo, para promover a emancipação por via do conhecimento e exposição do mesmo, dando visibilidade à experiência social, política, lírica, popular e sexual junto às angústias e sonhos do que é ser mulher em suas respectivas épocas, o que Michelle Perrot⁹ compreendeu como, um modo de interrogação próprio do olhar feminino em um ponto de vista específico das mulheres ao abordar o passado, ou seja, uma proposta de releitura da História do feminino.

[...] As mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, ao menos até o presente, uma experiência que várias já classificaram como das margens, da construção miúda, da gestão dos detalhes, que se expressa na busca de uma nova linguagem, ou na produção de um **contradiscorso**, é inegável que uma profunda mutação vem-se processando também na produção do conhecimento científico. (PERROT, In. RAGO, Margareth, p, 03).

⁵ História e memória / Jacques Le Goff.

⁶ Entrevista cedida à ANPOCS.

⁷ LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.

⁸ Fundada em 1969 em Goiânia- Goiás.

⁹ PERROT, Michelle. *Uma história das mulheres será realmente possível?*.1984.



A tradição científica é sumariamente masculina, da mesma forma, as práticas masculinas são ditas como superiores em detrimento das femininas, hierarquizadas como tal, trazendo às mulheres a privação de suas capacidades em frente à esfera pública.

Maria do Rosário Fleury, fundadora da Academia Goiana de Letras e Artes de Goiás (AFLAG), juntamente à suas amigas, formavam nos idos de 1935 o jornalzinho denominado “*Que me importa?*”¹⁰ Este tornasse o segundo jornal a circular em Goiânia, na recém-formada capital de 1933 e o primeiro idealizado por mãos femininas, confirmando a presença pública da mulher diante da sociedade que ali se formava. Nas palavras de Rosarita “O importante era termos publicados nossos sonhos transformados em letras e que passava de mão em mão até ficar todo esfacelado”, Na primeira edição, estava escrita uma mensagem a todas que ali idealizavam suas crônicas, poesias e sentimentos datilografados naqueles papéis,

“É preciso agora, que vocês, inteligentes colaboradoras do “*Que me importa?*”, que com tanta felicidade idealizavam esse Bando da Alegria¹¹, que é hoje a alma de Goiânia, não se deixem nunca vencer pelas decepções!”. (TEIXEIRA. p, 177-178).

Logo, as mulheres entram no espaço público e nos espaços do saber transformando inevitavelmente estes campos, questionando, se colocando de maneira radical, segundo Margareth Rago; e diante disso os historiadores de gênero se deparam com as seguintes perguntas: “Qual é a contribuição da história das mulheres à história geral? Porque se estudar uma história feminina?”. Para responder a tais perguntas recorreremos a Eleni Varikas¹², afinal, a “amnésia” em relação a determinados grupos sociais na história fez com que as mulheres, por muito tempo, permanecessem na constante reconfiguração de sua imagem e subjetividade em

¹⁰Circulou a primeira vez em 20 de novembro de 1935.

¹¹ “No final de um dia de trabalho, muitas vezes, as jovens se encontravam para cantar a saudade de sua cidade, sua terra ou, simplesmente para conversarem e se conhecerem melhor. Foi assim que surgiu o Bando da Alegria, formado por Maria Felix de Souza; Amelinha Jardim, Elba Gomes Pinto e Tuniche Vieira, Erydice e Teo Natal e Silva, Hermengarda, Célia Coutinho, minha mãe e sua irmã Maria das Graças”. (TEIXEIRA, p, 180).

¹² Professora da Universidade de Paris VII.



detrimento de uma construção masculina subordinada aos conceitos existentes na política ou no ambiente público, designados como universais.

Por fim, as mulheres comportam uma tendência emancipadora libertária em todos os campos de sua atuação. Há uma construção absoluta da mulher que será rompida diante das novas visões da história, do ponto de vista feminino e do uso de fontes literárias, neste caso em específico, as mulheres incorporam a dimensão de seu sujeito, compreendem suas limitações e as questionam, formam uma visão emotiva, intuitiva, lírica, debatem o conhecimento e questionam o corpo, a mente, o sentimento, o amor e a vida. Por consequência, não há apenas uma história sobre mulheres, mas uma história contada por mulheres.

ROSARITA FLEURY

Maria do Rosário Fleury, idealizadora e fundadora da AFLAG-Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, nasceu na noite de 27 de Outubro de 1913, na Cidade de Goiás, era filha de Heitor Moraes Fleury e Josefina Caiado Fleury, segundo relatos de seu nascimento “Em oração a virgem do Rosário pela graça do feliz parto e o nascimento de uma criança, sadia, pede-lhe o casal, a proteção para a vida de sua filha, dando-lhe o mesmo nome, assim se faz a graça de Maria do Rosário Fleury”. (TEIXEIRA, p, 26).

*Era uma vez uma menina morena,
Que se chamava Rosarita Fleury.
Na velha cidade de Goiás morava
e a todos encantava
pela suave simplicidade
e pela vibrante inteligência,
que tinha os fulgores do sol batendo,
nascendo e se escondendo na lendária Serra Dourada,
que põe reflexos de luz na cidade secular
e que, mais tarde, projetou, com brilho,
o nome de nosso Estado,
tão digno e tão amado,
no cenário literário nacional!*

NELLY ALVES DE ALMEIDA¹³

¹³Trecho do poema com que Nelly Alves de Almeida (1916/1999) onde se manifestou sobre o livro premiado pela Academia Brasileira de Letras, de Rosarita Fleury, “Elos da Mesma Corrente”, em 1958, publicado na Revista de Educação do Estado de Goiás.



Mulher à frente de seu tempo escreveu sobre sua vida nos arredores da até então Cidade de Goiás, que para ela se manifestava como um refúgio diante de seus temores. Sonhadora e ambiciosa, Rosarita Fleury no auge de seus 23 anos muda-se para nova capital, Goiânia, recém-inaugurada em 1933 por Pedro Ludovico Teixeira¹⁴, demonstrando profunda melancolia. “[...] acompanhando a topografia da nova cidade, enquanto na bela Goiás cercada de morros, os pensamentos, ideias e ideais se fechavam em concha, nos descampados que aqui se abria, uma constante mutação de pensamentos favoreciam e incitava a descoberta de novos valores”¹⁵,

A mudança para nova capital abalou toda a sociedade vilaboense ao mexer com os interesses econômicos, políticos, sociais e até com a fraternal amizade havida entre as famílias. Ressalto, com admiração, a determinação e coragem de minha avó Finha. (TEIXEIRA, p, 169).

A vida que enfrentavam era de dificuldades, persistência e muitos sonhos. Não havia livros ou formas de se comunicar com os arredores a não ser pelas cartas que, segundo sua filha, Maria Elizabeth Fleury Teixeira¹⁶, era a única maneira de sua mãe passar as horas ociosas, dialogando sobre seus amores e angústias com amigos e namorado. Este é um trecho do poema *Goiânia*, de Rosarita:

*Pois olha, viajante amigo,
é para você mesmo que hoje quero falar:
É justamente, para você, que aqui do meu sertão,
da cidade mais linda e mais faceira
de quantas povoaram as terras do oeste brasileiro,
vou cantar meu poema-canção
Começou, então, sem sonhos nem ilusões, nosso dia a dia
em Goiânia, capital do Estado”*

¹⁴Interventor da cidade de Goiânia, seu objetivo era impulsionar a ocupação para o “oeste”, direcionando excedentes populacionais para os espaços demográficos vazios.

¹⁵Este é um relato de Rosarita sobre sua vinda para nova Capital, refletindo à cerca das montanhas que cercavam os “pensamentos” de sua antiga existência, agora, novos valores que segundo ela afloram em seu cotidiano e em sua mente, o desabrochar de novas possibilidades, das quais muito bem se aproveitou Rosarita.

¹⁶ Atual presidente da ALFAG, empossada em 2013.



Desde muito nova, a menina Rosarita, aos 24 anos teve seu primeiro poema, “Retalhos”, escrito em 1936 e publicado no *Correio da Manhã*, em 07 de Março de 1937, eis um trecho:

*Oh! Sim...
Eu tenho saudade...
Daquele quarto singelo
Que sentiu desabrochar
Meu sonho de mocidade
Onde eu dormia a cantar
E de onde...Ao romper do dia,
O sino do campanário
Da Igreja do Rosário
Me acordava pra rezar!...*

Com a transferência das demais repartições públicas para a Nova Capital, que começava a adquirir a cara da nova mocidade, aumentou o círculo de amigos de Rosarita. Vieram, Maria Felix de Souza, Amélia Jardim, Virgínia, Erydice Natal e Silva, Célia Coutinho Seixas de Brito, das quais muitas comporiam, à posteriori, na década de 70, alguns dos nomes das cadeiras da AFLAG. Junto a esse novo grupo de amigos forma-se o “*Bando da Alegria*”, composta por jovens moças na flor de seus sonhos publicando seus poemas e suas dores, saudades e amores no intitulado jornalzinho “*Que me Importa?*”¹⁷, vivendo serenatas nas noites de lua cheia, junto às primeiras aulas de piano e os grupos de cantorias, tudo era motivo para escrever, e assim nascem as primeiras remanescentes da literatura Goiana.

Em 1936 é fundada a primeira biblioteca de Goiânia, idealizada por essa turma que não perdia tempo. Nas palavras de Rosarita:

Éramos cinco a sonhar com isto. Maria das Graças Fleury, Virgínia e Tuniche Viera, Maria Felix de Sousa (Dolly) e eu. Para tanto, organizamos o “Baile do Livro”, cujo ingresso para os senhores era um livro. Lembro-me de Haver escrito e enviado o convite a muitos amigos e conhecidos, explicando nossos planos e pedindo um livro. (TEIXEIRA, p, 185)

Foram arrecadados 78 volumes e uma estante, originando a atual Biblioteca Municipal. Rosarita nunca ficou parada, sempre atuando na vida pública de seu tempo, ao redor das amigas

¹⁷ Seu primeiro Volume foi publicado em 24-07-1936, em Goiânia.



que também faziam o mesmo. Escrevia sobre a natureza e a formação dos centros de comércio, conversava com suas companheiras e demonstrava vontade de fazer algo a respeito do desenvolvimento da Capital.

Em abril de 1937 houve a solenidade da bênção ao pequeno prédio em que se instalou a Santa Casa da Misericórdia em Goiânia, fundada pela persistência de Da. Gercina Borges, esta que, por sinal, efetuou convite direto para que o *“Bando da alegria”* colaborasse com quermesses e eventos culturais para arrecadar fundos para conclusão das obras do local e efetivação das primeiras irmãs na direção da casa, Rosarita aceitou sem pestanejar.

Goiânia cresceu junto com Rosarita. A ala cultural expandiu-se para novos talentos, a Academia Goiana de Letras, fundada em 1939, promoveu diversos concursos literários, dentro os quais Rosarita Fleury fora premiada em 1942, pelo poema *“São João”* juntamente com o poema *“Tocaia”* de Bernardo Élis. Casada com o então Engenheiro de Obras do Ministério de Viação Pública, Jerônimo Fleury Teixeira, Rosarita inicia sua vida como esposa e mãe de sua primeira filha em 1944, Maria Elizabeth Fleury Teixeira, mas conciliando entre a vida privada doméstica familiar e sua atuação cultural. No final de 1952 que terminara o livro *“Elos da Mesma Corrente”*¹⁸, passados os anos da Guerra e as desavenças governamentais e dificuldades ferroviárias em Goiânia, Rosarita resolve voltar a estudar e em 1955 inicia seus trabalhos como secretária no Instituto de Educação de Goiás, antes que, por ventura, frequentavam apenas mulheres, neste momento encontrou muitas de suas colegas, como a professora Nelly Alves de Almeida e Ana Braga Contijo¹⁹.

Em 1957, Rosarita tem finalmente em mãos os primeiros volumes corrigidos de seu livro, *“Elos da Mesma Corrente”*. A Narrativa se passa no século XIX, onde reviveria os acontecimentos daquela época, as influências políticas, sociais, psicológicas e sociológicas de todos os seus personagens retratados de maneira única. Em destaque as personagens femininas,

¹⁸Lançado em 1958.

¹⁹Colegas de trabalho, que junto a Rosarita idealizam a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás-AFLAG, em 1969.



moças que sentem as angústias de Rosarita e de todas as jovens do século XIX-XX. Neste livro a autora expõe suas opiniões trabalhando com os medos e temores em relação ao casamento, as vontades e sonhos destas mulheres “reprimidas” pela época, tornando-se esposas e mães administrando suas famílias e os valores sociais.

Seu livro recebeu o prêmio *Júlia Lopes de Almeida*, em 1959 da Academia Brasileira de Letras. Este reconhecimento, sem dúvida, tornou Rosarita Fleury a primeira romancista mulher a escrever em Goiânia, inserindo Goiás no meio literário brasileiro. Rosarita observava a produção da pequena sociedade goiana e do trabalho cultural das mulheres, percebia o campo fértil de escritoras, musicistas, teatrólogas e artistas que muito trabalhavam e lutavam pela melhoria e expansão da cultura e educação juvenil nas letras, Segundo as palavras de sua filha Maria Elizabeth, a efervescência cultural proporcionava toda reflexão e críticas que fazia em sua lírica.

Somente o título ganhado pelo livro lançado em 1958 e toda a sua atuação cultural já garantia a Rosarita Fleury uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, mas a autora, por motivos cruéis, não foi aceita, pois ela era mulher, devido ao fato de que, a Academia Brasileira seguia com o modelo Francês, deste modo, em 1969 fundou juntamente as suas amigas, Nelly Alves de Almeida e Ana Braga Gontijo, a AFLAG-Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, em manifesto, mas também como forma de promover as artes femininas e expandir o conhecimento. Refletia-se nos próximos anos muito trabalho de pesquisa, a busca pelas escritoras Goianas era árdua para o preenchimento das 40 cadeiras ao modelo da Academia Brasileira de Letras, só que com um grande diferencial: seriam todas mulheres. No ano de 1977 Rosarita Fleury é convidada a ocupar a Cadeira nº31 da AGL-Academia Goiana de Letras, na qual anteriormente ocupava Eurydice Natal e Silva, outro nome de grande destaque.

O último ano de Rosarita, foi como todos os outros, de muita atuação pública, apesar de debilitada frequentava as reuniões da AFLAG, mas a perda de entes queridos e de colegas escritoras, das quais todas eram tidas como amigas, Aída Felix de Souza e Regina Lacerda, em específico neste ano de 1992, fez com que sua saúde fosse abalada, vindo a falecer no ano de



1993, no dia da poesia, 14 de Março, aos oitenta anos, após ter presidido a AFLAG por 23 anos consecutivos.

*Rosa rocha ita.
Rocha pedra pluma.
Pluma pedra, mulher.²⁰.*

AFLAG-ACADEMIA FEMININA DE LETRAS E ARTES DE GOIÁS

A Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás foi um sonho idealizado por Rosarita Fleury, juntamente com suas amigas e co-fundadoras, Nelly Alves e Ana Braga. Para entendermos sua criação é sensato navegarmos pelo contexto histórico daquela época. Ao contrário do que muitos pensam, a AFLAG não foi unicamente um represália à Academia Goiana de Letras pelo fato de não aceitarem mulheres, pois esta era aos moldes da Academia Brasileira de Letras, que por sua vez, se baseava nos estatutos da Academia Francesa, que não permitia mulheres em sua composição.

Em 1959, o livro de Rosarita Fleury "Elos da Mesma Corrente", recebeu o prêmio Júlia Lopes de Almeida, fazendo assim com que o nome de Rosarita e a cultura literária goiana fossem reconhecidos nacionalmente, e fazendo também com que fosse capacitada para ocupar uma cadeira da Academia Goiana de Letras. O fato da AGL não aceitar mulheres deixou-a chateada. Em uma conversa com seu pai Heitor Moraes Fleury²¹, este a apoiou a levantar a bandeira feminina no mundo das letras e artes, a ideia de uma Academia Feminina foi tomando forma. Segundo relatos das integrantes, "A ideia surgiu numa reunião informal. Discutia-se a 'injustiça à inteligência feminina', por não serem admitidas em Academias de Letras." ²². Nasce assim, em 09 de novembro de 1969 a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.

²⁰ Judite Furtado Miranda, sócia-suplementar. Trecho do poema *ROSA(R) ITA*.

²¹ Primeiro Juiz Desembargador de Goiânia.

²² Jornal veiculado na época, com matéria especial sobre a fundação da AFLAG e suas 40 patronas.



Posse do dia 09 de Novembro de 1970, 1º aniversário da AFLAG na Assembleia Legislativa de Goiânia.

Apesar da época, podemos notar por meio deste pensamento, a negligência a mulher em ambas as academias, certa discriminação e um levantamento do discurso masculino, estabelecendo uma inferioridade mental das mulheres, não sendo assim capazes de serem atuantes no mundo intelectual com a mesma capacidade de um homem.²³ De acordo com os fatos, conseguimos provar, que esse é um discurso injusto, por notarmos que a mulher possui a mesma capacidade intelectual, mental, psíquica e/ou espiritual de outro homem. O fato de ser mulher, não a pode diminuir em relação aos homens, apesar de muito já ter sido quebrado em relação aos preconceitos e já ter-se dado alguns passos em função da igualdade de gênero, ainda se possui um longo caminho a percorrer, o direito de voto, direitos trabalhistas, leis protegendo a mulher, etc.

O contexto social daquela época contribuía para o "preconceito" contra as mulheres. Fim da década de 1960, Goiânia, uma capital relativamente jovem, sociedade conservadora, que entre outros fatores contribuía para esse preconceito. A "revolução intelectual feminina" que a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás causa no contexto daquela época, por mais louvável que seja, angariou comentários preconceituosos, como sendo uma "rebelião de saias" ou um "clube de luluzinhas", comentários esses que não atingiram nenhum momento a Academia. Podemos ressaltar também que o cenário social daquela época, em relação às Letras, era predominantemente masculino, espaço tal onde a Academia Feminina provava, ao longo de

²³RAGO, Margareth. Epistemologia feminina, gênero e história.



sua existência, que a capacidade intelectual feminina tem tanto valor e contribuição social e cultural quanto à masculina.

É interessante notarmos que, a partir da década de 1970 houve um aumento considerável da participação feminina no mundo acadêmico. Juntamente com a criação da AFLAG, em vários lugares do Brasil e do mundo, a historiografia feminina foi ganhando força. Em todos os ramos da escrita, seja no mundo científico, como no literário, a mulher foi conquistando seu espaço gradativamente.²⁴ O ponto de vista feminino muitas vezes traz perspectivas que o olhar masculino não consegue captar, ou seja, a participação da mulher, escrevendo sobre temas que antigamente era de predominância masculina, foi firmando assim sua posição intelectual diante da sociedade. Rosarita Fleury, juntamente com suas co-criadoras, conseguiram uma Academia predominantemente feminina, trazendo suas vivências como mulheres, mães, esposas, literatas, poetisas, contribuindo assim para o crescimento da cultura goiana em vários aspectos.

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ESTUDO DE GÊNERO NA HISTÓRIA

Convém reforçarmos que a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, como uma Academia predominantemente feminina, juntamente com a experiência de suas acadêmicas, contribui consideravelmente para os estudos de gênero, reforçando seu papel na sociedade goiana. Escritoras e poetisas como Eurídice Natal e Silva, Graciema Machado²⁵, entre outras, são mulheres, além de seu tempo, que levantavam a bandeira feminista em suas épocas.

Os estudos sobre gênero começaram a ganhar força a partir dos anos 70. Temas muitas vezes pouco explorados como transsexualidade, homossexualidade, heterossexualidade, se tornaram cada vez mais comuns, e foi-se descoberto um mundo amplo e ainda pouco explorado sobre esses temas. Nomes como Simone de Beauvoir, Joan Scott, Margareth Rago e Guacira Lopes

²⁴ RAGO, Margareth. As Mulheres na Historiografia Brasileira. In: Cultura Histórica em Debate. São Paulo: UNESP, 1995.

²⁵ Recebia críticas de seus trabalhos já nos idos do século XX, participando mesmo que minimamente da vida cultural da época, assim como suas companheiras e colegas Maria Paula de Godoy, Leodegária de Jesus e Genezy de Castro e Silva. Vista como “Moça romântica e sonhadora”, escrevia sobre o feminismo e sobre a necessidade do voto feminino já em 1920.



são alguns exemplos de pessoas que contribuíram, com seu conhecimento, para a ampliação do estudo sobre gênero, e no Brasil, Laura de Melo e Souza e Mary del Priore²⁶ são destaques.

Apesar dos estudos sobre gênero serem recentes, já foram causas para muitas discussões e divergências, por se tratarem de um assunto "delicado" diante de determinados grupos. Joan Scott nos traz um ponto de vista interessante sobre o tema, onde diz que:

É essa luta política que eu penso que deve comandar nossa atenção, porque gênero é a lente de percepção através do qual nós ensinamos o significado de macho/fêmea, masculino/feminino. Uma "análise de gênero" constitui nosso compromisso crítico com esses significados e nossa tentativa de revelar suas contradições e instabilidades como se manifestam nas vidas daqueles que estudamos.²⁷(JOAN, 2012.)

Apesar de o gênero ser um assunto muito estudado até aqui, nota-se, como em 1970, dadas as dificuldades em relação às perspectivas historiográficas, que prevaleceram até então, a exemplo, História Política, econômica e universal, observa-se um processo de revisão e adesão de novas temáticas, gênero é uma delas, possibilitando esta afirmar-se como questão política e social, desenvolvendo a História das Mulheres e das categorias sociais que viviam no "silêncio".

Um dos pontos que os estudos de gênero abordam é sobre a desigualdade, seja homem/mulher, heterossexual/homossexual, etc. Apesar de muito já se ter mudado de 1970, não precisamos ir muito fundo para vermos as diferenças sociais e políticas que o gênero nos mostra. Como retrato social desta atuação, no século XXI, já conseguimos ver mulheres sendo CEO de empresas importantes, presidentas, motoristas, cargos, que antes eram predominantemente masculinos.

É comum, ao falar de gênero, tocar no tema "feminismo". Infelizmente muitos pensamentos superficiais acabam distorcendo a temática, Segundo Joana Maria Pedro, que reforça:

²⁶DEL PRIORI, Mary. **Ao Sul do Corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidade no Brasil Colônia. Brasília, Rio de Janeiro: EdUnB, José Olímpio, 1993.

²⁷ SCOTT, Joan. Os usos e abusos de gênero.



O que as pessoas dos movimentos feministas estavam questionando era justamente que o universal, em nossa sociedade, é masculino, e que elas não se sentiam incluídas quando eram nomeadas pelo masculino. Assim, o que o movimento reivindicava o fazia em nome da “Mulher”, e não do “Homem”, mostrando que o “homem universal” não incluía as questões que eram específicas da “mulher”. Como exemplos podemos citar: o direito de “ter filhos quando quiser, se quiser” –, a luta contra a violência doméstica, a reivindicação de que as tarefas do lar deveriam ser divididas, enfim, era em nome da “diferença”, em relação ao “homem” – aqui pensado como ser universal, masculino, que a categoria “Mulher”, era reivindicada.” (PEDRO, 2005)

Nesta análise, expõem-se a importância da continuação do estudo sobre gênero e de todos os seus ramos. Apesar de recente, este estudo se viu necessário para a formação de uma sociedade melhor, com mais aceitação do individual, do ser, da mulher em sua totalidade, entender as relações humanas, sociais, essencial para a "humanização" do ser humano, do indivíduo em geral. Nesse ínterim, é interessante notar como a questão sobre gênero se desenvolveu até os dias de hoje. É um tema amplo, de importância político e social, e que, se bem discutido e posto em prática, renderá bons resultados.

AS MULHERES DA AFLAG

1-Patrona: Ada C. Curado.

Cadeira nº 01

Falecimento: 06/07/1999.

2º Titular- Yeda Schmaltz.

Falecimento: 10/05/2003.

3º Titular- Salma SaddiWarress de Paiva.

2- Patrona: Aida Felix de Souza.

Cadeira nº 02

Falecimento: 05/11/1992.

2º Titular- Marilda Godoi Carvalho.

Falecimento: _

3º Titular- Alba Luciana de Castro Dayrell.

3- Patrona: Almerinda Magalhães.

Cadeira nº 03

Falecimento: 01/06/1996.



2º Titular- Maria Carmen Xavier Nunes.

4- Patrona: Ana Braga Gontijo.

Cadeira nº 04

5- Patrona: Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (Cora coralina).

Cadeira nº 05

Falecimento: 10/04/1985.

2º Titular- Runi Conceição Vieira.

6- Patrona: Belkiss Spenciere Carneiro de Mendonça.

Cadeira nº 06

Falecimento: 17/11/2005.

2º Titular- Custódia Annunziata Spenciere de Oliveira.

7- Patrona: Célia Coutinho Seixos de Britto.

Cadeira nº 07

Falecimento: 21/01/1994.

2º Titular- Armênia Pinto de Souza.

Falecimento: 21/09/2004.

3º Titular- Mara Púbio de Souza Veiga Jardim.

8- Patrona: Dalva Maria Pires Machado Bragança.

Cadeira nº 08

Falecimento: _

2º Titular- Elizabeth Caldeira Brito.

9- Patrona: Dinorah Pacca.

Cadeira nº 09

Falecimento: 29/04/1971.

2º Titular- Ellen Carneiro Vale.

10- Patrona: Ercília Macedo-Eckel.

Cadeira nº 10



11- Patrona: Eurydice Natal e Silva.

Cadeira nº 11

Falecimento: 31/08/1970.

2º Titular- Lygia de Moura Rassi.

Falecimento: 25/05/2005.

3º Titular- Anna Rita Ludovico Ferreira da Silva.

12- Patrona: Floracy Alves Pinheiro. (Cici Pinheiro).

Cadeira nº 12

Falecimento: 09/04/2002.

2º Titular- Placidina Lemes Siqueira.

.13- Patrona: Genesy de Castro e Silva.

Cadeira nº 13

Falecimento: 14/02/2006.

2º Titular- Marisa de Castro e Silva Machado.

14- Patrona: Goiandira do Couto.

Cadeira nº 14

Falecimento: 22/08/2011.

2º Titular- Natalina Fernandes da Cunha.

15- Patrona: Graciema Machado de Freitas.

Cadeira nº 15

Falecimento: 12/07/1985.

2º Titular- Augusta Faro Fleury de Melo.

16- Patrona: Guiomar Grammont Machado.

Cadeira nº 16

Falecimento: 23/09/1985.

2º Titular- Irmã Áurea Cordeiro Menezes.

17- Patrona: Heloisa Barra Jardim

Cadeira nº 17



18- Patrona: Honorina Barra S. Silva.

Cadeira nº 18

19- Patrona: Lena Castello Branco de Freitas.

Cadeira nº 19

20- Patrona: Maria das Dôres Ferreira de Aquino (Dorinha).

Cadeira nº 20

Falecimento: 05/04/1990.

2º Titular- Maria Augusta Calado de Saloma Rodrigues.

21- Patrona: Rosarita Fleury.

Cadeira nº 21

Falecimento: 14/03/1993.

2º Titular- Maria Elizabeth Fleury Teixeira.

22- Patrona: Maria Guilhermina.

Cadeira nº 22

Falecimento: _

2º Titular- Sônia Cury Liñares.

23- Patrona: Maria Ivone Corrêa Dias.

Cadeira nº 23

Falecimento: _

2º Titular- Ângela Jungmann.

24- Patrona: Maria Lucy Veiga Teixeira.

Cadeira nº 24

25- Patrona: Maria Ludovico de Almeida e Silva

Cadeira nº 25

26- Patrona: Maria Luiza Póvoa Cruz (Tânia).

Cadeira nº 26

27- Patrona: Maria Augusta Fleury Curado (Nita).

Cadeira nº 27

Falecimento: _



2º Titular- Esther Barbosa Oriente.
Falecimento:

3º Titular- Consuelo Quiereze Rosa.

28- Patrona: Ana Maria Taveira Miguel.
Cadeira nº 28

29- Patrona: Mirza Perroto.
Cadeira nº 29

30- Patrona: Nair Perillo Richter.
Cadeira nº 30
Falecimento: 26/02/2000.

2º Titular- Heloisa Helena Campos Borges.

31- Patrona: Nelly Alves de Almeida.
Cadeira nº 31
Falecimento: 05/12/1999.

2º Titular- Nancy Ribeiro de Araújo e Silva.

32- Patrona: Neusa Rodrigues de Moraes.
Cadeira nº 32
Falecimento: 28/02/2004.

2º Titular- Alessandra Teles.

33- Patrona: Norma Baiocchi.
Cadeira nº 33
Falecimento: _

2º Titular- Maria do Rosário Cassimiro.

34- Patrona: Nice Monteiro Daher.
Cadeira nº 34
Falecimento: _

2º Titular- Mari Baiocchi.

**35- Patrona: Regina Lacerda.****Cadeira nº 35****Falecimento:** 14/12/1992.

2º Titular- Maria Narcisa de Abreu Cordeiro.

36- Patrona: Silva Lourdes do Nascimento Rodrigues.**Cadeira nº 36****Falecimento:** 16/09/1999.

2º Titular: Denise Lopes Rodrigues.

37- Patrona: Telezila N. Blumenschein.**Cadeira nº 37.****Falecimento:** 05/12/1979.

2º Titular- Maria Paula Fleury Godoy.

Falecimento: 12/06/1982.

3º Titular- Venda Pinheiro.

Falecimento: _

4º Titular- Elciene Spenciere de Oliveira.

38- Patrona: Violeta Bitar Carrara.**Cadeira nº 38****Falecimento:** _

2º Titular- Dalva Albenaz do Nascimento.

39- Patrona: Luiza Camargo Ferreira.**Cadeira nº 39****REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS****ARTIGOS:**

RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

SCOTT, Joan. Entrevista. In. ANPOCS-Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em ciências sociais.



LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. UFRGS. Ed: Proposições, V.19, n 2(56)- maio/ago. 2008;

VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. Cadernos Pagu (3), 1994, p. 63-84.

CHARTIER, Roger. História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. In. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 07, nº 13, 1994, p 97-113.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In. Estudos avançados. Vol. 05. 11. São Paulo, Jan/Apr. 1991.

VASCONCELLOS, Eliane. Percursoras da literatura Goiana. Revista UFG/ Julho/ Ano XII nº 08.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da Experiência. Trad. Lúcia Haddad. História, São Paulo, (16), Fev. 1998.

LIVROS:

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História, São Paulo, v.24, N. 1, p. 77-98, 2005.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. SILVA, Zélia Lopes (org.). Cultura História em debate. São Paulo: UNESP, 1995, p. 81-98.

PERROT, Michelle. *Uma história das mulheres é realmente possível?* Paris: Rivage, 1984.

TEIXEIRA, Maria Elizabeth. *Rosarita Fleury, Minha Mãe*. Ed: Kelps. 2014.

FLEURY, Rosarita. *Elos da mesma corrente*. Ed: Mundial. 2011.

ANUÁRIOS

Anuário, AFLAG. 1970.

Anuário, AFLAG. 1971-72.

Anuário, AFLAG. 1973.